

O Assistente ao Emigrante



Órgão do Sindicato Nacional dos Empregados da Assistência aos Emigrantes em Navios Estrangeiros do Districto de Lisboa

Redacção e Administração

— RUA DE S. PAULO, 216-2.º —
TELEFONE 28605

DIRECTOR: Bernardino dos Santos
EDITOR: Cesário dos Santos Monteiro

Propriedade do S. N. E. A. E. M. E.

Composição e impressão:

CALÇADA DOS CAETANOS, 18
TELEFONE 21450

BARRA FORA...

O Assistente ao Emigrante

O nosso número de hoje, devido ao excesso de original, é acrescido com duas páginas.

O do próximo mês, será aumentado em mais quatro, inserindo-se nele o relatório e contas da direcção, do Sindicato, Caixa de Auxílio e Jornal, bem como o parecer do Conselho Fiscal.

Tanto quanto as condições económicas o permitem, «O Assistente ao Emigrante» esforça-se sempre por bem servir os seus leitores, dando-lhe a conhecer com amplitude todo o que pode interessar à classe, julgando assim cumprir o seu dever.

Ecos de Belem

O Jornal «Ecos de Belem» primo-rosso quinzenário defensor dos interesses dos populosos bairros da Ajuda e Belem, referiu-se no seu último número muito desenvolvidamente à festa do nosso 4.º aniversário, que, segundo aquele jornal teve um elevado cunho de verdadeiro nacionalismo.

Os nossos agradecimentos.

Colaboração

Embora tal norma esteja de há muito fixada, cumpre-nos recordar aos nossos amigos colaboradores habituais ou eventuais, que o seu original, quer seja ou não publicado, não lhes será devolvido.

Uma estreia

O nosso Jornal insere hoje um artigo firmado pela nossa presada associada Idalina Eugénia.

O facto merece especial relevo por se tratar da primeira senhora que se serve das colunas deste órgão para expor o seu pensamento, na louvável intenção de firmar doutrina que aproveite para o futuro.

Idalina Eugénia com o seu gesto, demonstra bem compreender os seus deveres de associada, por isso a felicitamos, prestando a nossa homenagem à sua iniciativa e à sua inteligência.

Ingratidão

A hora de começar a sessão solene comemorativa do 4.º aniversário do sindicato encontraram-se na sede umas escassas trez dezenas de associados.

Desembarcados em terra cerca de 70, dos quais pelo menos 60 estavam em Lisboa.

Quando se trata de um sindicato que não é apenas um organismo simbólico de união e agremiação, sem qualquer outro valor que não seja o da força moral da sua existência, mas sim de uma colectividade que é fonte de trabalho e prosperidade; quando se trata de um Sindicato Nacional como este, que levantou uma classe, arrancando-a de uma vida mesquinha onde a dignidade de cada um era espedinhada a cada passo, para a colocar numa posição honrosa, onde o trabalho além de certo, é obtido não como esmola mas com um direito, faltar a uma sessão solene comemorativa do 4.º aniversário, não é só desinteresse — e ingratitude.

Foi com amargura que verificámos a ausência dos associados a uma festa onde os representantes dos outros sindicatos nos vieram trazer palavras de elogio e admiração, por uma obra de que os seus próprios beneficiários esquecem egoisticamente.

E cada palavra de encómio ouvida aos de fora, cada frase de admiração, cada brado de incitamento, nos punha no coração uma sombra de desalento, porque ao olhar a assistência apenas se viam os rostos daquelas duas dezenas de bons e fieis associados, nobres de sentir e grandes no cumprimento de um dever sagrado.

Para esses, que passam anonimamente pela vida sindical, sem se distinguirem, ainda que seja em atitudes deselegantes, para esses vai o reconhecimento pleno e sincero daqueles que pela colectividade tem dado o melhor do seu esforço e dedicação — os directores.

Fez-se justiça!

Conforme comunicação do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, foi dada por concluída a sindicância a este Sindicato Nacional que reconheceu ilibados de toda a responsabilidade que lhe era atribuída, os membros da sua direcção.

BARRA FORA...

Emigração para S. Paulo

O Jornal «O Século» anda há dias empenhado numa campanha de protesto contra o envio de 7.000 e não 10.000, famílias para o Estado de S. Paulo, campanha que, segundo declaração, é feita em nome dos sagrados interesses da Nação, visto que o trabalho é riqueza e a Pátria não pode permitir esse exodo valioso.

Não somos nós, evidentemente, competentes, nem temos elementos para tal, que vamos levantar a luva ao chamamento de O Século.

Como a realização do contrato com o Estado de S. Paulo correu por repartições oficiais, natural é que esses departamentos esclareçam aquele órgão de imprensa.

Uma cousa podemos desde já contestar: é que esses portugueses são transportados ao Brasil ao abrigo da nossa lei de assistência ao emigrante, o que quer dizer que, pelo menos em viagem, não lhes faltará o carinho e conforto que a nossa legislação impõe

«O Fragateiro»

O nosso presado colega «O Fragateiro» publicou no seu número de 25 de Janeiro último uma desenvolvida notícia acerca da nossa festa do 4.º aniversário.

Aquele Jornal e aos dirigentes do Sindicato que representa, ligam-nos há muito os mais sinceros laços de amizade, por isso não estranhámos as boas referências que são feitas à nossa colectividade.

Número especial

Por circunstâncias várias, fomos forçados a não publicar o número especial de «O Assistente ao Emigrante» que havíamos anunciado em 5 de Janeiro.

Desta falta, que fortes razões nos levaram a cometer, pedimos desculpa aos nossos leitores e amigos.

Este número foi visado
pela Comissão de Censura

O 4.º Aniversário

A reportagem da sessão solene do dia 10 de Janeiro

Embora uma serie de circunstâncias inevitáveis fizesse com que o programa que inicialmente se tinha esboçado não se cumprisse, o certo é que a festa do 4.º aniversário resultou brilhante e marcou uma etapa na vida da organização corporativa, pelo acentuado carácter de fraternidade que se estabeleceu entre os sindicatos, quasi todos ali representados.

Na realidade, quer pelas afirmações que se fizeram, quer pelo valor e sinceridade das pessoas que as pronunciaram, a festa do nosso 4.º aniversário, foi uma reunião na qual os sindicatos nacionais definiram uma posição, que pelo cunho nacionalista, — sincera e verdadeiramente nacionalista, — de que se revestiu, deveria ter deixado satisfeito os altos mentores da Nação, muito especialmente Salazar!

Foi uma festa da família corporativa, que teve como pretexto o aniversário de um dos seus mais modestos componentes, tais os sentimentos de camaradagem manifestados e os votos de amizade que se permutaram com muita convicção.

Este facto, nos compenhou o desgosto de não ter podido dar à festa do nosso 4.º aniversário o brilhantismo que tínhamos previsto.

A mesa da presidência

O Ex.º Sr. Dr. Rebelo de Andrade, impedido de comparecer por ter de ausentar-se de Lisboa fez-se representar pelo Ex.º Sr. Dr. Amaral Pyrrait, que assumiu a presidência da sessão. A seu lado sentaram-se os Srs. Dr. Pereira da Silva, illustre médico privativo da nossa Caixa de Auxílio, Sr. João Raio de Carvalho, o Presidente da Direcção do Sindicato dos Ferroviários do Centro e Bernardino dos Santos.

Em lugar destacado viam-se ainda o Sr. Vilas Bôas, da Repartição dos Serviços de Emigração.

O Ex.º Sr. Dr. Amaral Pyrrait, abre a sessão em nome do Sr. Sub Secretário de Estado das Corporações, declarando que S. Ex.º não compareceu por ter de se ausentar de Lisboa, o que bastante o contrariou, porque tem pelo Sindicato uma consideração especial, muito sentindo não poder pessoalmente felicitar a classe pela passagem do 4.º aniversário da fundação do seu Sindicato Nacional

O discurso de Bernardino dos Santos

O nosso presidente é o primeiro orador a usar da palavra, pronunciando o seguinte discurso.

Minhas Senhoras, meus Senhores: — O cargo que aqui desempenho, põe-me na contingência de ser o primeiro a usar da palavra, nesta sessão onde tantas e ilustres pessoas se encontram, as quais por ventura podiam deliciar V. Ex.ª com o brilhantismo da sua palavra.

Por isso, para vos não privar do prazer de ouvir os oradores que se hão-de seguir, eu vou ser breve; dizer apenas as palavras de saudação que o dever do cargo me impõe, e as que a consideração pessoal por V. Ex.ª me dita.

Começo por saudar V. Ex.ª Sr. Dr. António do Amaral Pyrrait como representante do Ex.º Sr. Dr. Rebelo de Andrade, nosso illustre Sub-Secretário de Estado das Corporações. Não posso deixar de lamentar a ausência de S. Ex.ª, embora saiba que a humildade deste Sindicato e a modéstia desta festa não são justificativas da sua presença. Além do mais, o facto desta sessão se realizar no dia de hoje, domingo, iria privar S. Ex.ª de um descanso bem merecido, no fim de uma semana de insano trabalho.

Do Ex.º Sr. Dr. António do Amaral Pyrrait, nosso querido amigo, e sem desprimor, um dos mais ilustres assistentes do Instituto Nacional do Trabalho; de S. Ex.ª, dizia eu, está de há muito feita a apresentação. Não tenho que o saudar, porque esta Colectividade já mais de uma vez se honrou com a sua presença, e de tal forma a sua personalidade e o seu nome é conhecido na nossa classe, que o podemos considerar como sendo da casa. Tantos e tantos favores lhe deve este Sindicato, tantas demonstrações de apreço temos recebido, que seria banal insistir nas palavras que expressassem a nossa gratidão por S. Ex.ª.

Quero por fim saudar e agradecer a presença do Ex.º Sr. João Raio de Carvalho, que por este Sindicato tem demonstrado um disvelo e carinho, as dos Srs. José dos Santos, Horácio Gonçalves, Francisco Correia e ainda a de V. Ex.ª todos, que não nos negaram esta esplêndida manifestação de solidariedade, comparecendo a dar, com a vossa

presença, luzimento a esta apagada festa comemorativa do nosso 4.º aniversário. Para todos os nossos mais sinceros agradecimentos.

Sempre escutado com a maior atenção Bernardino dos Santos prosseguiu:

Festeja-se o 4.º aniversário da fundação deste pequeno Sindicato, pequeno em tudo; pelo número de associados, pelo fraco valor dos seus dirigentes, e pelo que representa na organização corporativa da Nação.

Somos pequenos, somos poucos, mas somos cumpridores dos nossos deveres de patriotas pela missão profissional que desempenhamos; somos sinceros e dedicados ao Estado Novo, não só porque através dele e por ele alcançamos a nossa independência e a dignificação de trabalhadores, mas porque compreendemos a Doutrina Nova, quando todos queiram dar para o êxito final, a sua cota parte de sacrificio, há-de conduzir-nos ao bem estar e à imposição de Portugal como uma Nação digna.

Esta pequena e modesta sessão serve para demonstrar que existimos e trabalhamos disciplinadamente dentro da organização, e que integrados nestes princípios temos conseguido assegurar o nosso pão

Esta é uma classe composta de 190 elementos, toda ela integrada no seu Sindicato Nacional, a qual presta ao emigrante todo o carinho e conforto que a Pátria lhe oferece como boa mãe, traduzidos numa assistência bem definida, de que nós somos os agentes.

Do que valem, do grau de desenvolvimento em que estamos, do melhor ou peor aperfeiçoamento da nossa acção, não cabe a mim fazer essa apreciação.

Temos empregado os nossos melhores esforços para colaborar estreitamente com os nossos patrões, e de acordo com as entidades dirigentes, para que os serviços de assistência ao emigrante se aperfeiçoem cada vez mais, porque entendemos que deste aperfeiçoamento lucram os emigrantes, pois são melhor assistidos, e honra-se a Nação, pois demonstramos aos estrangeiros que Portugal não abandona seus filhos, ainda quando eles vão dar ao estrangeiro o ouro do seu trabalho.

Fora da actividade profissional, temos prestado o nosso concurso a todas as manifestações

activas da organização, cumprindo, embora sem luzimento, o nosso dever.

Êstes quatro anos de existência, deviam comemorar-se no passado dia 28 de Dezembro, pois foi nesta data a fundação oficial desta colectividade. Razões fortes, como por exemplo a ausência de muitos e dos mais dedicados associados, levou-nos a transferir para hoje esta comemoração.

Quatro anos de funcionamento activo, para um Sindicato Nacional das características do nosso, representam muito, em sacrificio, em vontade e em abnegação por parte de quem o dirige. Muitos de V. Ex.ª sabem quanto isto representa na vida de um homem, muitos de V. Ex.ª conhecem, por experiência própria, como é ingrata a missão de dirigir um Sindicato, e como por vezes são fundos os desgostos que tal missão nos traz. (Apoiados).

Não só eu, como os meus colegas dos corpos gerentes, como ainda muitos de V. Ex.ª, sabemos que isto é assim, mas a certeza de que cumprimos uma missão humanitária, a convicção de que do nosso esforço e do nosso trabalho inglório, e mal compreendido, algo de bom resulta para os nossos colegas, para a nossa classe, leva-nos a continuar lutando e trabalhando, com os olhos postos no ideal do bem comum.

Quando a razão se revolta contra as ingratidões, a consciencia impelle-nos a prosseguir, porque desta acção vivem as colectividades e as colectividades impõem a Nação. (Aplausos).

Nós temos no nosso chefe o exemplo bem eloquente da perseverança e do sacrificio em prol de todos. Salazar, apesar das perseguições e dos atentados, apesar dos inimigos e da maledicência que pairam à sua volta, prossegue, sem um desfalecimento, sem uma hesitação, na tarefa gloriosa de levantar Portugal, dignificando-o e dignificando-nos.

Que cada um, de per si, e nós mais decididamente como dirigentes de Sindicatos, tome como modelo essa vida preciosa que inteiramente se entrega a uma Nação, por amor dela e dos seus filhos. (Aplausos e vivas).

Tinha prometido a V. Ex.ª ser breve, pelo que vou já terminar. Antes, porém, quero saudar aqui os meus colegas ausentes,

A reportagem da sessão solene

na ingrata e difícil vida do mar, para que eles saibam amanhã, que nesta festa a sua ausência foi sentida, como sempre são sentidas nas festas de família a falta de alguns dos seus componentes.

Mais uma vez agradeço a presença de V. Ex.^{as}, em nome da minha classe, e a V. Ex.^a especialmente, peço para ser portador junto do Sr. Dr. Rebelo de Andrade dos nossos mais fervorosos votos de felicidade e os protestos da nossa mais viva solidariedade e fidelidade.

Desejo ainda, e espero que V. Ex.^{as} me acompanharão, num voto de saudação ao Dr. Pedro Teotónio Pereira, um nome que nestas festas não pode ser esquecido, felicitando-o pela missão de que foi incumbido.

Por último levanto um viva pelas prosperidades de Portugal, e por Salazar o nosso eterno agradecimento.

Viva Portugal!
Viva Salazar!

Uma prolongada salva de palmas acolheram as últimas palavras de Bernardino dos Santos.

O discurso de José dos Santos

Fala, a seguir, o sr. José dos Santos, da direcção do Sindicato Nacional dos Capitães Oficiais Náuticos e Comissários da Marinha Mercante.

Apresenta as homenagens ao sr. dr. Amaral Pyrrait, e as saudações do seu Sindicato para o nosso, cujo elogio traça nos seguintes termos:

«Apresento à direcção felicitações e agradecimentos pelo convite a esta bela festa.

Como certas afinidades ligam o meu ao Sindicato que hoje veste galas, e porque temos acompanhado a acção deste Sindicato, pequeno no número e grande na alma, eu sinto uma grande admiração por vós, porque já fizestes uma obra que se impõe à admiração de todos. Por isso — diz — não podia deixar de comparecer animando-vos para que a vossa acção persista na defeza dos vossos associados, porque dessa forma contribuis para a vitória da finalidade que todos temos em vista, que é o triunfo da organização corporativa.»

Termina com um viva a Portugal e ao Estado Novo entusiasticamente secundado pela assistência.

Fala Horácio Gonçalves

Levanta-se para falar o prestigioso presidente do Sindicato Nacional dos Caixeiros, que lê o seguinte discurso, que a assistência sublinha com aplausos nas passagens mais eloquentes.

Sr. Presidente

A Direcção do S. N. dos Caixeiros do Distrito de Lisboa, sempre presente quando as suas congéneres agitam por qualquer forma a vida sindical deste País e sobretudo desta cidade, não poderia deixar de corresponder ao convite amabilíssimo que recebeu para se fazer representar nesta festa e nomear pessoa que em nome dela, proferisse duas palavras.

Os homens que estão à frente do S. N. dos E. da Assistência aos Emigrantes, desde a primeira hora, nunca deixaram de comparecer, sempre com Fé, nos locais onde os trabalhadores nacionalistas, por qualquer forma pretendem demonstrar que existem.

Sempre os vi, dar relevo com a sua presença e dar força com a sua solidariedade consiente a todas as manifestações de vitalidade e a todas as iniciativas que partindo dos Sindicatos Nacionais, pretendam afirmá-los perante a Nação e principalmente perante os trabalhadores que legítimamente representam, como valores positivos dentro da organica corporativa e dentro do espirito da Revolução Nacional.

A Direcção do meu Sindicato Nacional, ponderando tudo isto e querendo prestar Justiça a quem a merece, pela sua forma lealíssima de trabalhar, pela isenção e pelo sacrificio que exteriorisa em todas as suas atitudes em prol da unidade de pensamento do meio sindical lisboense, envia-me aqui com a missão especialíssima que ao meu coração se torna imensamente grata, de saudar com entusiasmo, com carinho e com sinceridade, o Sindicato Nacional dos Emigrantes da Assistência aos Emigrantes em Na-

vios Estrangeiros e a sua prestigiosa Direcção.

E eu desempenho-me da missão com alegria, porque entendo ser Dever nosso, estreitar cada vez mais as relações fraternas entre os Sindicatos Nacionais, promovendo e fomentando por intermédio de iniciativas arrojadas, momentos que permitam o convívio permanente e consecutivo entre aqueles que se batem pelo mesmo ideal e pela elevação do nível dos trabalhadores sob todos os pontos de vista.

Os Sindicatos Nacionais se com respeito à técnica tem uma missão a desempenhar com absoluta independência uns dos outros, o que é certo é que com respeito ao sentimento nacional que dinamisa a Revolução, os Sindicatos Nacionais, tem de caminhar lado a lado, unidos como uma só peça, donde resulta confiança entre-si e onde gere aquela fraternidade que transforma a Nação numa unidade indivisível e inquebrantável. (aplausos)

E tenho ouvido às vezes certos queixumes que exteriorizam desânimo. Às vezes, e com razão, alguns dos nossos, dizem que os Sindicatos Nacionais, salvo raras excepções, não tem vida, e atiram as culpas para o Estado, como que se o Estado tivesse culpa do atraso da nossa mentalidade, do nosso individualismo e sobretudo da nossa tendencia egoista para o isolamento. (apoiados)

Á medida que cada Sindicato Nacional se desenvolve, tende a isolar-se, a agir por si, a tratar exclusivamente de si, a colocar-se cada vez mais no seu sector especial que outro não é senão o sector de Classe, que o verdadeiro corporativismo pretende eliminar para sempre.

O que sucede, com os Sindicatos Nacionais, sucede com alguns Grémios, que cumprem mal os seus deveres sociais e que interpretam pessimamente a sua função dentro da organização corporativa. Mas o mal não reside no Estado, reside na cabeça dos homens que à ultima hora chegaram, vindos dos sectores onde infelizmente imperam as doutrinas anarquicas e dissolventes que são filhas dos interesses e das vaidades pessoais, e sempre insatisfeitas. (muitos apoiados)

Nós, os da primeira hora,

aqueles que guarnecemos as trincheiras da Revolução Corporativa, durante o tempo da incerteza, aqueles que ainda as ocupam animados exclusivamente pela pureza dos seus sentimentos e esclarecidos pela interpretação alta e absolutamente espiritual que dão à doutrina do Chefe, é que temos o Dever de nos amarmos como irmãos, de nos vermos a meudo, e de agir por forma a fazer palpitar a vida do sindicalismo nacional.

Assim pensa a Direcção do Sindicato Nacional dos Caixeiros do Distrito de Lisboa, que quer junto dos Grémios e dos organismos patronais de qualquer espécie, quer junto dos Sindicatos Nacionais representantes dos trabalhadores de todas as outras profissões, tantas e tantas iniciativas tendentes à concentração dos trabalhadores tem lançado, numa provocação constante de convívio e de entendimento.

Está hoje em festa o S. N. dos E. da A. aos E. em Navios Estrangeiros do Distrito de Lisboa. Mais um ano dobra sobre a sua existência. E entendeu a sua Direcção que nada melhor para festejar o aniversário do Sindicato, existia do que a provocação de um ambiente de confraternização sindical.

É assim mesmo. Pela parte que me diz respeito, sou portador de saudações cordealíssimas. Saudações que representam e traduzem os nossos altos sentimentos de fraternidade e o propósito de estar sempre presentes, sempre que este Sindicato precise de nós no que não fazemos mais do que retribuir em pequena escala as amabilidades e os favores do mesmo género que há tanto tempo lhe devemos.

Simultaneamente com as saudações, trago os votos que tanto em nome pessoal como em nome da Direcção que represento, aqui sinceramente faço, pelas prosperidades deste Sindicato Nacional e por tudo quanto ele possa alcançar de beneficio para o sector de trabalho que representa.

Resta-me terminar erguendo um viva à Revolução Nacional dos Trabalhadores.

Viva o Sindicato dos Empregados da Assistência.

Grandes aplausos.

A reportagem da sessão solene

Fala Francisco Correia

É dada a palavra a Francisco M. Correia, presidente do Sindicato Nacional do Pessoal de Camaras de longo curso que felicitou o nosso Sindicato desejando-lhe muitas prosperidades.

Procede-se a leitura da correspondência

Bernardino dos Santos lê a correspondência endossada à mesa, da qual consta um telegrama do sr. Tenente Castro e Silva director dos serviços de emigração, officios dos srs. dr. Frederico Macedo dos Santos, Afonso Malheiro; telegrama do Sindicato congénere do Porto, officio do Sindicato Nacional dos Empregados na Panificação e carta de António Marques de Sousa e Alfredo Agrela, dos Corpos Gerentes. Foi ainda lida uma carta de saudação do sr. Victor, da casa Lane.

O brilhante discurso do Dr. Amaral Pyrrait

Recebido com uma calorosa salva de palmas, prova das simpatias que tem nas classes marítimas, o Ex.^{mo} sr. dr. Amaral Pyrrait, começou no seu brilhante improviso por saudar todos os presentes distinguindo nessa saudação o nosso Sindicato.

E com extraordinário prazer — diz — que dirijo à direcção duas palavras sinceras de parabens e duas de incitamento e fé.

Sabe a direcção e sabe-o a classe, o que se conseguiu a bem destes nestes quatro anos de existência deste Sindicato Nacional. Das afirmações aqui feitas bem transparece a obra do Estado Novo, a bem desta classe, que atravessou crises graves na sua vida e que mercê da Revolução e dos esforços daqueles que tomaram conta dos seus destinos, a transformaram extraordinariamente: no aspecto material e ainda no aspecto de segurança para o futuro, e melhoria moral maior ainda, porque vós sabeis tão bem como o I. N. T. o que ereis e o que sois.

Escutado com o maior silêncio, o dr. Amaral Pyrrait prossegue: «Hoje a vossa classe gosa da consideração geral. Várias vezes tenho sido testemunha de muitas manifestações inexpressíveis para vós, e dessa glória deveis estar orgulhosos.

Pela obra que tendes realizado em 4 anos vos felicito e dou os parabens. Certamente que nestes quatro anos não se realizaram tôdas as vossas aspirações, não se resolveram todos os problemas em que andais empenhados, mas deveis lembrar-vos que muito se

fez já e no princípio, mesmo os mais animosos, não vaticinavam conseguir tanto.

Quero dizer vos com a mesma sinceridade vinda do coração, duas palavras bem portuguezas de incitamento e fé, porque o muito que se fez desta e doutras colectividades aqui representadas, é testemunho de que os portuguezes não precisam de mais fé do que aquela que já teem.

As dificuldades de hoje não são maiores do que as de início, porque nós conseguimos, graças a Salazar, atingir o X Anos, e porque temos atrás de nós qualquer coisa de muito grande já feito, e nessa obra temos a garantia de que venceremos tôdas as dificuldades que se nos depararem.

Atentamente ouvido, o Dr. Amaral Pyrrait relembra o caso do Sindicato Nacional dos Descarregadores que dois meses após a celebração do contrato colectivo de trabalho, acumularam na sua caixa de previdência perto de duas centenas de contos, pretendendo com esta citação demonstrar como é possível resolver o problema social, dentro dos benéficos princípios corporativos.

Contestando e justificando a imputada demora nas realizações, diz o orador: Andase devagar, mas o que se faz, faz-se sólidamente; um passo dado não se volta atrás, por isso se garante melhor a finalidade da Revolução.

Termina levantando três vivas: por Portugal Eterno, pela Revolução por Salazar!

A assistência, de pé, aclamou entusiasticamente estes brados.

O Porto de Honra

Encerrada a sessão, o Dr. Amaral Pyrrait e os representantes dos sindicatos presentes, passam a outra sala onde foi servido um Porto de Honra.

Novos discursos se fizeram, novos e mais veementes votos de fé e confiança se prestaram, devendo destacar-se uma brilhante aluciação do ilustre representante do Sr. Sub-Secretário de Estado das Corporações.

No final, Bernardino dos Santos agradeceu a todos, em nome do Sindicato.

O lanche

Seguiu-se depois um lanche aos associados, pretexto para estreitamento dos laços de amizade que unem a família dos empregados da assistência aos emigrantes.

Aos brindes, o secretário da direcção pronunciou o seguinte discurso:

Minhas senhoras
Meus senhores

Como membro dos corpos directivos deste Sindicato desejo

neste momento tão solene para nós, prestar homenagem aos meus incansáveis companheiros de trabalho Bernardino Santos e Alvaro Gomes, aqui presentes.

Procurei este momento para poder dentro do espirito da minha sã lealdade e camaradagem usar da franqueza que é sempre digna dos homens sinceros.

Camaradas

Ninguém poderá, depois da justa homenagem feita hoje em sessão solene, pelo elemento official e pelos delegados dos Sindicatos Nacionais, homenagem essa prestada na pessoa do nosso muito digno presidente Bernardino Santos e da respectiva direcção transata e actual, pelo zelo, competencia e honestidade que como sempre teem sabido defender os interesses da classe em geral.

Presados camaradas

Bernardino Santos sendo o intelligente realizador da grandiosa obra de resurgimento que a classe alcançou no decorrer destes quatro anos da nossa organização, tem sido além de tudo um sincero companheiro, sempre zelando pelo bem estar da família trabalhadora dentro deste organismo, mas sou por um dever de consciencia obrigado a não deixar passar em claro a minha alta admiração pelo esforço dêsse camarada, tanto na parte moral como material em prôl deste Sindicato e da classe em geral, porque além de Bernardino dos Santos não posso deixar de fazer justiça ao companheiro Alvaro Gomes, o sempre incansável e digno elemento dentro do corpo administrativo, com o seu espirito ponderado, mas resolutivo, soube sempre com firmeza de caracter levantar o prestigio da nossa classe e deste Sindicato e muitos outros companheiros teem trabalhado junto destes dois valiosos elementos para a defeza da nossa causa e bem estar colectivo com perseverança teem auxiliado nesta sagrada cruzada a bem de nós.

Camaradas

Eu, o mais modesto dos membros dos corpos directivos no decorrer destes tres anos, tenho de bem perto sabido apreciar as vastas qualidades destes companheiros.

É com profunda máguia que lamento que no seio da nossa classe ainda houvesse quem pudesse duvidar do esforço do nosso trabalho e da nossa honestidade, mas com orgulho vos digo que felizmente para nós a classe em geral soube fazer-nos justiça protestando com indignação a

atitude desses camaradas que puzeram em dúvida a nossa honra, a nossa dignidade e que lançaram num momento infeliz para eles, uma dúvida que veio ferir a dignidade de um punhado de homens com um passado bem honroso de trabalho e honestidade comprovada e tentando por todos os meios ao seu alcance desvirtuar o trabalho honesto e digno da nossa administração neste Sindicato. Porque numa lamentavel precipitação de momento impróprio de homens que sempre mereceram a nossa consideração e confiança, eles felizmente erraram.

Mas camaradas: nesta sala entre companheiros e familias, eu apelo como cristão que seja nesta data tão festiva para nós, esquecida essa ofensa lançada inconscientemente contra aqueles, repito, que teem com dignidade zelado e defendido os vossos sagrados interesses.

Apêlo para o vosso perdão, para os que nos atacaram porque isso será a melhor prova do prêmio que lhes podemos dar — porque Cristo também perdoou áqueles que o ofenderam, e que mais tarde reconhecendo bem as suas humanas theorias a favor da humanidade se arrependeram.

Quem sabe se num futuro muito próximo esses camaradas reconheceram o caminho errado a que se lançaram, e venham até nós na ajuda da cruzada sagrada que empreendemos para o bem comum da classe em geral.

Apêlo para os companheiros presentes para que nos ajudem na missão de exterminar a mesquinha intriga e maldicência que existe ainda no espirito irrequieto e perturbador dalguns camaradas, que sejamos bons e leais amigos e companheiros.

Camaradas:

Que tudo se esqueça, a justiça que nos foi feita, para eles eu apêlo generosidade dos vossos corações para que seja lançada uma pedra sobre esta questão.

Porque nos devemos orgulhar em nome da nossa dignidade e da confiança que o elemento official e a classe em geral no teem concedido.

A nossa honra ficou no seu logar.

Eu afinal me orgulho de vos dizer que eu sou amigo, do meu inimigo — este é o meu lema e basta.

A saúde dos camaradas ausentes.

Á vossa saúde.

Viva o Sindicato.

Viva o Estado Novo Corporativo.

Artur José Pereira
Enfermeiro

Serviços de enfermagem

Legislação dos Serviços

A Sessão Solene
no Sindicato Nacional
dos operários mani-
puladores dos Ta-
bacos.

O que diz uma ajudante

Permita-me que eu uma simples ajudante de enfermagem exponha nas colunas do nosso jornal, um assunto que há muito me traz na mente, e que por ter ainda poucos conhecimentos, não me tem levado a pegar na pena para expor, mas nesta minha última viagem acabei de ter argumentos para o fazer.

Ora no decreto n.º 19.029 publicado no *Diário do Governo* n.º 265 1.ª série do dia 13 de Novembro de 1930 no artigo n.º 49.º diz:

«Ao ajudante de enfermagem compete, especialmente ministrar aos doentes os alimentos prescritos pelo médico.»

Havendo cinco dietas a distribuir a bordo à mesma hora, e havendo uma criança hospitalizada, que precisava, de vigia, não podia eu, para cumprir com os meus deveres, tomar conta da criança, por 10 a 15 minutos enquanto ministrava as dietas.

Os Srs. enfermeiros não podiam fazer vela nesse escasso tempo, coisa que lhes compete por pertencer as velas aos direitos profissionais, que a mesma lei cita no artigo 48?

Aos enfermeiros compete executar todos os serviços da sua especialidade profissional.

Não querendo alguns dos srs. diplomados fazer velas, pergunto:

Qual será então o seu serviço a bordo?

Tendo eu a infelicidade de adoecer a bordo, e ordenando o nosso Inspector, fôsse eu tratada por a sr.ª enfermeira, esta não teve a ombridade de comparecer no meu camarote durante cinco dias, sendo tratada por as criadas.

Como não experimentasse melhoras, fui para o hospital ainda sob ordem do nosso médico, ficando aos cuidados dos franceses visto ser tripulação. Mas por a monomania da superioridade os srs. enfermeiros não apareceram lá nem perguntando pelas minhas melhoras.

Esta minha exposição que há muito andava intrigada, não só por causa dos serviços dos enfermeiros a bordo, mas mais pelo motivo da arrogância de alguns diplomados pois se todos andamos longe da Pátria e Família, devíamos ser bons camaradas, esta humilde camarada,

Idalina Eugénia

N. R. — Trata-se de uma opinião pessoal delicadamente exposta, e a sua publicação não traduz concordância ou discordância da nossa parte.

Crêmos que o assunto focado dá margem para que à volta dele se construisse qualquer coisa de útil. Por isso, publicaremos gostosamente, qualquer artigo sobre este assunto, desde que o autor use de delicadeza igual.

Do desembarque em porto estrangeiro

Artigo 79.º — Sendo autorizado o desembarque em porto estrangeiro da Europa, do pessoal de assistência de um navio que de regresso das Américas não toca em portos portugueses, as companhias ou suas agências custearão as despesas desse pessoal, a título de ajudas de custo, durante os dias da viagem e mais um, em caminho de ferro ou noutro meio de transporte, desde o porto de desembarque até ao porto português de onde saiu, à razão de 1 libra diária ao médico, 15 xelins ao enfermeiro e 10 xelins ao ajudante de enfermagem e creados, além de um abono correspondente ao preço das passagens na classe que por lei lhe compete a bordo e transporte das bagagens respectivas.

Quer dizer: quando se der um desembarque de pessoal no porto estrangeiro, a companhia é obrigada a pagar-lhes as importâncias acima citadas para alimentação, além das despesas de bagagem e passagem.

Quando a companhia hospeda o pessoal por sua conta, só há direito a passagem e a despesas de bagagem, ou ainda a qualquer outro extraordinário.

Escala de Vapores

durante o mês de Fevereiro de 1938

PARA O SUL:

Dias	Vapores	Cais	
1 —	Higland Chiftain . . .	Alcantara	Toca no Porto
2 —	Monte Sarmento . . .	"	
3 —	Saturnia	Rocha	
4 —	Massília	"	
7 —	Arlanza	Alcantara	
9 —	Jamaïque	Rocha	Toca no Porto
9 —	Cap Norte	"	
12 —	Hilary	"	Toca no Porto
15 —	H. Princesse	Alcantara	
16 —	Monte Rosa	"	
20 —	Alcantara	"	
23 —	Gen. San Martin	"	Toca no Porto
25 —	Aurigni	Rocha	Toca no Porto
27 —	Cap Arcona	Alcantara	

Total de vapores: 14

PARA O NORTE:

Dias	Vapores	Cais
3 —	Formose	Alcantara
4 —	General Artigas	"
4 —	Alcantara	Rocha
6 —	Hig. Brigade	"
10 —	Monte Olívia	Alcantara
14 —	Lipari	Rocha
14 —	Cap. Arcona	Alcantara
17 —	António Delfino	Rocha
20 —	Higland Patriot	"
25 —	Asturias	Alcantara
26 —	Vulcania	"

Total de vapores: 11

No dia 16 realizou-se uma sessão solene neste Sindicato, para a inauguração dos retratos dos srs. Presidente da República e do Ministério, pelas 14 horas foi formada a mesa da sessão com a comparência do sr. General Amílcar Mota, representando o sr. Presidente da República, o sr. Dr. Moreira Junior presidente do conselho de Administração da Companhia Portuguesa de Tabacos, e pelo presidente da direcção do Sindicato em festa, Emílio Trindade do Amaral.

Aberta, a sessão, falou em primeiro lugar o presidente do Sindicato que se referiu com louvor as entidades ali representadas, e fez o elogio do sr. Presidente da República e do senhor Dr. Oliveira Salazar, de quem iam ser descerradas duas magnificas fotografias, convidando dois alunos da escola privativa do Sindicato para fazerem o descerramento. Em seguida foi também descoberto, o novo estandarte do Sindicato, envolto no estandarte do Sindicato congénere do Porto, e tendo-lhe nesse momento sido colocadas duas fitas de sêda com dedicatória, uma oferecida pelo antigo pessoal da régie, e outra pela senhora que bordou o respectivo estandarte, ouvindo-se neste momento uma salva de palmas. Usou depois da palavra o presidente do conselho de administração da Companhia dos Tabacos, que fez várias afirmações, entre elas a da alegria que lhe ia na alma por se encontrar dentro do Sindicato Nacional entre os seus operários, e dizendo que estaria sempre a seu lado, e referindo-se depois as personalidades que ali se homenageavam fez delas um rasgado elogio.

Neste momento, interrompeu-se a sessão, visto o presidente da mesa se ter de ausentar por motivo dos seus afazeres oficiais, e tendo entrado neste momento o sr. Dr. Andrade Soares, que vinha representar o Instituto Nacional de Trabalho; reorganizada novamente a mesa presidida por Sua Ex.ª e por Bernardino dos Santos presidente do nosso Sindicato e o do pessoal dos carros eléctricos. Foi reaberta a sessão, tendo falado representantes dos vários sindicatos entre eles o nosso, onde se fizeram afirmações de fé e esperança no estado corporativo. Foi depois tocado o hino da Mocidade Portuguesa acompanhado em côro pelos alunos da escola privativa do Sindicato em festa, e filhos dos operários da indústria dos tabacos.

A festa terminou com um porto de honra no gabinete da Direcção.

O Delegado da Classe

A devolução dos questionários e o que eles revelam

Entrou já numa fase definitiva este assunto da nomeação do director delegado.

Quasi todos os sócios responderam ao questionário enviado, e o conjunto dessas respostas fornecem indicações definitivas.

Assim, todos concordaram na necessidade da nomeação do director, no aumento da cota, e a grande maioria indicou o nome de Bernardino dos Santos para desempenhar o lugar.

Resta agora realizar a assembleia onde o assunto possa ser debatido, e preparar a proposta a submeter àquela reunião em que se fixem as condições em que tal director é eleito, vencimento, direitos e deveres, etc.

Quanto ao aumento da cota a direcção já elaborou os estudos necessários e as suas conclusões são interessantes.

Tomaram-se como base de estudos as receitas e despesas do Sindicato durante o ano findo, cujas contas já estão encerradas, e esses números dizem-nos que, a manter-se o movimento de trabalho que se verificou em 1937, não há necessidade de aumentar a cota sindical.

O que se fará, possivelmente, é incorporar na cota sindical a cota do jornal, passando aquela a ser de 25\$00, por viagem e desaparecendo esta.

Falam os números

Neste problema, como de resto em todos que envolvem dispêndio de numerário ou arrecadação de receitas, a direcção age com toda a segurança e cautela, pondo-se ao abrigo de qualquer surpresa.

Tratando-se da criação de um encargo regular de algumas centenas de escudos, é natural o escrúpulo posto no apuramento dos números, para deles tirar conclusões o mais rigorosamente aproximadas da verdade.

Assim, só quando foram encerradas as contas de 1937, pudemos colher indicações seguras das possibilidades financeiras da colectividade.

Eis o que elas nos mostram: O total das receitas líquidas foi de 21.680\$00 durante todo o ano, o que dá a média mensal de Esc. 1.806\$60.

As despesas totalizaram 11.829\$70, com a média mensal de 985\$00.

Entre as receitas e despesas totais do ano, houve um saldo favorável de 9.850\$70, e mensalmente o saldo médio favorável foi de 821\$00 números redondos. Mostremos as contas.

	Total	Média mensal
Receitas	21.680\$40	1.806\$60
Despesas	11.829\$70	985\$00
SalDOS	9.850\$70	821 60

Ora se, por exemplo, tivermos de tomar novo encargo com o ordenado do director, ordenado que se pode computar em 750\$00 mensais, verificamos que a saldo favorável mensal suportava esse encargo.

Se, como está projectado passassem a ser de conta do Sindicato as despesas com a manutenção do órgão de imprensa, teríamos de juntar à média da despesa obtida já, mais o custo provável do jornal e o ordenado do delegado.

Teríamos então como certas as seguintes despesas:

Despesa (média 1937)	985\$00
Delegado da classe ordenado provável	750\$00
Custo do jornal, impressão e redacção	336\$00
	2.071\$60

Esta será a despesa mensal considerada certa para 1938.

Para fazer face a estas despesas temos de tomar como base também a média das receitas obtidas em 1937, juntando-se-lhe o que produzisse o aumento, de 5\$00 sobre o número médio das cotas recebidas em cada mês.

Ora em 1937 cobraram-se Esc. 21.200\$00, o que dá 1.060 cotas. Dividido este número por 12, temos que a média das cotas cobradas cada mês foi de 88. Se estabelecermos o aumento de 5\$00 por cota temos mais uma receita de 440\$00 mensais, pelo que as receitas passarão a ser:

Receita (média de 1937)	1.806\$60
Produto do novo aumento	440\$00
	2.246\$60

Passaremos a ter uma receita mensal de	2.246\$60
e uma despesa também mensal de	2.071\$60

Ficando ainda um saldo favorável de	175\$00
---	---------

E' preciso acentuar que o que

O Brasil vai regular

o problema da emigração e a questão dos contingentes

Instalou-se a comissão especial encarregada de elaborar a nova lei de emigração. A base do seu trabalho é o ante-projecto apresentado à dissolvida Câmara pelo Ministério do Trabalho. Esse documento será aproveitado na sua quasi totalidade. A quota de dois por cento para entrada de emigrante (tomada na base do número de emigrantes de cada nacionalidade que entraram no país nos últimos 50 anos) será mantida mas com uma interpretação mais consentânea com os interesses nacionais. E quanto à parte da colonização, a comissão terá que fazer trabalho próprio, pois esse aspecto do problema não foi tratado na Câmara, nem existe nenhum trabalho governamental a tal respeito.

Nove capítulos contem o ante-projecto. O primeiro occupa-se do emigrante e das condições da sua admissão. Emigrante é todo o estrangeiro que pretenda vir para o Brasil e permanecer por mais de trinta dias, com o intuito de exercer uma actividade. Não poderão ser cegos, surdos-mudos, aleijados, portadores de moléstia incurável, vagabundos, menores de 18 anos ou maiores de 60. Mas admite-se que, com referências às nacionalidades constituídas em consequência do Tratado de Versailhes, o cálculo da quota seja feito, tomando-se por base o número de emigrantes entrados por períodos decenais. Admite-se, também uma redução de vinte por cento. Não são contadas nas cotas: a mulher estrangeira, casada com brasileiro, os menores de 14 anos, filhos de emigrantes agricultores, de operários agrí-

colas ou de técnicos especializados em indústrias rurais, os turistas, jornalistas, desportistas, estrangeiros em trânsito, as pessoas que procurem o Brasil para aplicar capitais, etc.

No capítulo das cartas de autorização, está estabelecido que não será permitida a entrada de emigrantes que não sejam agricultores, operários agrícolas e técnicos especializados em indústrias rurais. A carta de autorização só será expedida pelo Departamento Nacional de Emigração.

Na parte relativa à concentração e assimilação dos emigrantes, o ante-projecto determina que nenhum núcleo colonial poderá ser constituído por emigrantes de uma só nacionalidade estrangeira. Em cada núcleo deverá ser mantido um mínimo de trinta por cento de colonos nacionais, e na impossibilidade de localizar colonos nacionais, o mínimo poderá ser suprido por emigrantes portugueses ou espanhóis. O ante-projecto procura evitar concentração ou preponderância inconvenientes à constituição étnica ou social do povo brasileiro. Nas escolas, que os núcleos serão obrigados a ter, só uma lingua será ministrada: a portuguesa; todos os livros devem ser escritos em português e só se admitem como professores brasileiros natos. Procura-se por esta forma, resolver os problemas das concentrações germânicas nos Estados do Sul. Não se permitirá a publicação de jornais, nem a de livros em lingua estrangeira, e o emigrante e seus filhos terão de conhecer a história e a geografia do Brasil.

O DELEGADO DA CLASSE

A devolução dos questionários e o que eles revelam

aqui chamamos aumento não pode ser tomado como tal. Na realidade, como o jornal passa a estar incluído na cota sindical, o aumento só começa a existir quando o sócio tenha mais de quatro viagens por ano.

E' o que praticamente representa o aumento de Esc. 5\$00 em cada cota.

Entende-se facilmente que tô-

das estas considerações assentam num campo hipotético visto que só a assembleia geral se pode pronunciar definitivamente sobre a importância do aumento da cota e do vencimento do delegado.

Mas como cremos não andar muito longe da verdade, eis porque desde já vamos pondo a classe no conhecimento perme-norizado da questão.